



MADAME L... quadro de Columbano Bordallo Pinheiro exposto no «Salon» de Paris

N.º 269 Lisboa, 17 de Abril de 1911

Edição semanal do jornal O SECULO

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

(Photographia de João Carlos Coutinho).

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão, rua do Seculo, 13

COMPREM  
AS  
**Sedas Suissas**

*Pecam as amostras das  
nossas Sedas Nouveautés de  
primavera e de verão para  
vestidos e blusas:*

*Foulards, Voile, Crêpe de  
Chine, Chines cachemire,  
Eolienne, Mousseline 120 cm. de  
largura desde fr. 1,25 o metro, em  
verde, branco e cor assim como as  
blusas e os vestidos borda-  
dos em «batiste», lã, «toile» e seda.*

*Vendemos as nossas sedas garan-  
tidas solidas, directamente aos  
particulares e francas de  
porto a domicilio.*

*Schweizer & C.<sup>o</sup>*  
Lucerne E II (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE SEDAS



À VENDA  
**Almanach d'o SÉCULO**

PARA 1911

# Automoveis

Vendem-se ou alugam-se, uma Li-  
mosine, uma Landaulette e um double-  
phaeton em magnifico estado e de gran-  
de luxo. Trata-se na **Casa Simplex, Bi-  
cyclettes, Discos e machina;** fallantes de  
**J. Castello Branco.**

O que ha de melhor em bicyclette  
inglesas desde 235000 rs. com todos o  
pertences. Accessorios baratissimos.  
Discos com assumptos politicos e ult-  
ma novidade. Machinas fallantes da  
mais modernas desde 65000 réis.

Rua do Soccorro, 23-B. Rua de Santo  
Antão, 34. Telephone 2075.

## PARA ENCADERNAR

# Ilustração Portugueza

Já estão á venda bonitas capas em per-  
caline de phantasia para encadernar o  
*SEGUNDO SEMESTRE DE 1910* da  
«Ilustração Portuguesa». Preço 360 réis.  
Tambem ha, ao mesmo preço, capas  
para os semestres anteriores. Envia-se  
para qualquer ponto a quem as requis-  
tar. A importancia póde ser remetida  
em vale do correio ou sellos em carta  
registada. Cada capa vae acompanhada  
do indice e frontespicio respectivo.

## Administração do SÉCULO

LISBOA



# Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO

**Vestidos bordados** em Batiste, Voile, Toile, Shantung,  
Pongée, Tulle, Chifon, Crêpe de Chine, desde **fr. 17,50.**

**Blusas bordadas** em Batiste, Nansouc, Toile, lã,  
Cachemire, Japonais, Crêpe de Chine, desde **fr. 8,50,**  
franco de porte no domicilio.

*Pecam as amostras e os figurinos*

**Schweizer & C.<sup>o</sup>, Lucerne A 22 (Suissa)**

EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS

## XAROPE FAMEL

CURA  
INFALLIVELMENTE  
BRONCHITES  
MESMO CHRONICAS

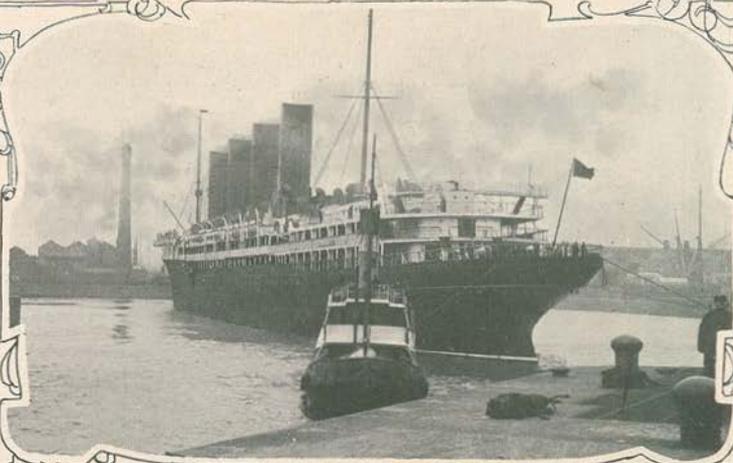
**TOSSES**  
ASTHMA

PREÇO 800 REIS FCO

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL:  
15, RUA dos SAPATEIROS — LISBOA.  
FRANCO DE PORTE COMPRANDO DOIS FRASCOS.

# A VIDA A BORDO DE UM GRANDE PAQUETE

Um sumptuoso hotel flutuante que caminha á razão de 16 a 20 milhas por hora: é o transatlântico do século XX. E como a viagem marítima, para os que viajam no conforto luxuoso da primeira classe, é quasi sempre determinada pela avidez do prazer ou pelo estímulo cupido do lucro, em parte alguma como nos salões e nos decks dos grandes paquetes se podem contemplar, na plena expansão da alegria de viver, os privilégios da fortuna. A viagem é hoje um dos grandes e mais impressionantes aspectos do prazer humano. Para o tornar accessi-



vel ás exigencias cada vez mas excessivas dos millionarios, dos dissipadores e dos *jouisseurs*, as poderosas companhias de navegação transformaram os navios das grandes car-



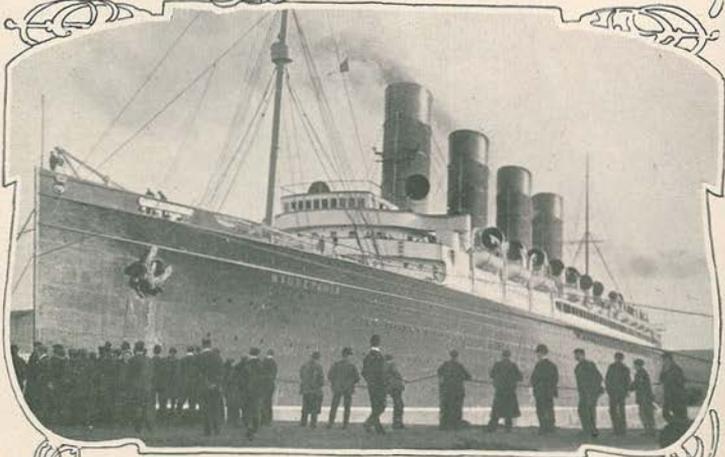
1—O «Lusitania», um dos maiores paquetes que hoje sulcam os mares, saindo de Liverpool para New-York 2—Jogos de bordo



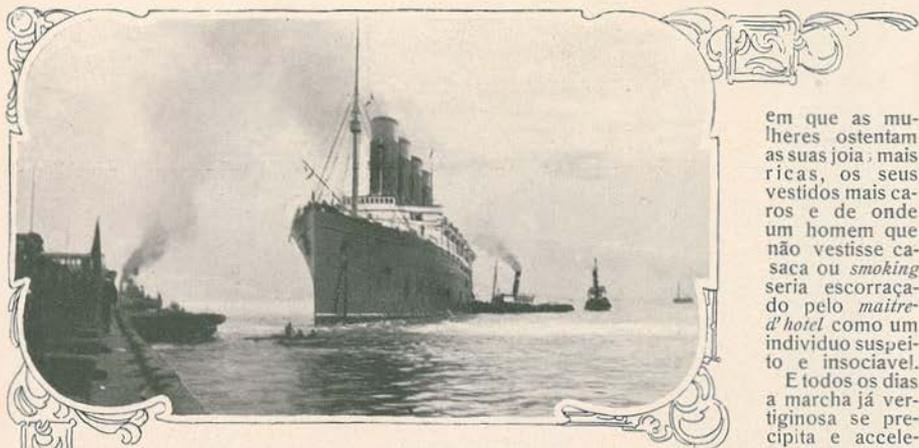
reiras intercontinentaes e interoceanicas em verdadeiros palacios, que á semelhança dos Waldorf e dos Ritz tem os seus restaurantes, os seus salões de musicas, as suas bibliothecas, os seus bars,

as suas salas de jogo, onde se perdem fortunas como em Monte-Carlo, onde se despejam garrafas de *Champagne* como em Montmartre, onde se janta em grande toilette, como no *Paillard* ou no *Savoya*, em mezas adornadas de rosas frescas e de orchideas de estufa, servidas por creados de calção e cabelleira empoada. A todas sobrelevam, porém, em exasperado fausto as carreiras de Nova York, que trazem para Londres e Paris, semanalmente, pelas concorrentes compa-

nhias franceza, ingleza e allemã, nos maiores paquetes que sulcam o Attantico, a multidão americana que vem dissipar na Europa os lucros dos negocios e as rendas das fortunas colos-



1—O vestibulo de entrada do «Araguaya» da Royal Mail, que faz a carreira do Brazil e Argentina com escala por Lisboa  
2—A atracação do «Mauritania»



O «Luzitania» prestes a atracar ao molhe

em que as mulheres ostentam as suas joias mais ricas, os seus vestidos mais caros e de onde um homem que não vestisse casaca ou *smoking* seria escorraçado pelo *maitre-d'hotel* como um individuo suspeito e insociavel.

Etodos os dias a marcha já vertiginosa se precipita e accelera, a pompa decorativa se desenvolve e re-

saes. N'esses navios, onde se exgotou a phantasia dos decoradores, as orquestras tocam durante o dia inteiro nas salas cobertas de tapetes de Smyrna, com tectos pintados por artistas celebres; os jantares constituem authenticos torneios de luxo,

quinta, o conforto se aperfeicoa e multiplica. Os camarotes transformam-se em aposentos de hotel, com sala de recepção, quartos de toilette, de cama e de banho. Ao telephone, ao calorifero e ao ventilador veem juntar-se a machina de escrever, os aparelhos electricos



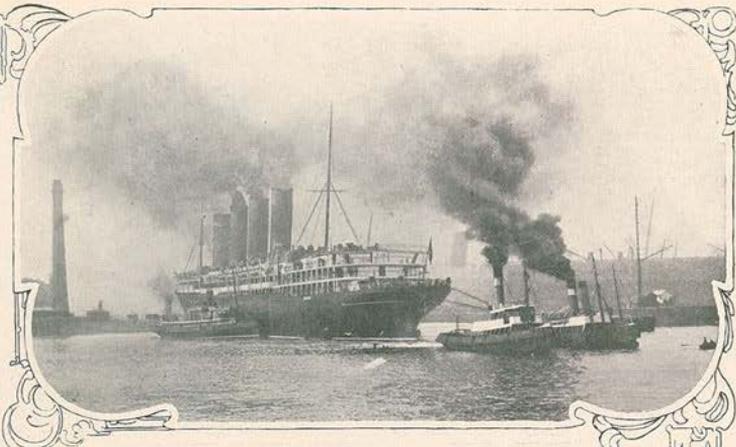
A sala de reunião, musica e bibliotheca, do paquete «Araguaya»

para seccar o cabelo e para massagens. Ha espectáculo a bordo. Os cinco dias que separam a America da Europa são como um prologo de todos os prazeres com que Paris aguarda os seus romeiros. A dissipação phrenetica do *dollar* principia mal o paquete navega e cita-se o caso de um millionario que gastou na travessia rapida de Nova York ao Havre, repartidos entre a meza de jogo e a paixão por uma actriz, 200.000 dollars!

Transformada n'um recreio ostentoso, a viagem maritima constitue hoje, nas

grandes linhas da America e do Oriente, um dos mais surprehendedes espectaculos da civilisação que pôdem admirar os homens do seculo xx

O «Luzitania» sahindo da doca



Uma diversão a bordo: a lueta de tração

## UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Eis uma estatua que antes de figurar no logar para onde era destinada foi demolida. Ha estatuas com sortes bem funestas, outras que teem fins encantadores. Todos se lembram ainda de como foi destruido o monumento a Sousa Martins, trabalho do esculptor Queiroz Ribeiro; algumas pes-

soas dizem que ali em pleno Rocio, no topo da columna está Maximiliano do Mexico em vez de D. Pedro IV. A ser assim essa estatua que devia apparecer na praça real mexicana veiu para Lisboa. O esculptor tinha-a prompta quando se soube das avançadas victoriosas de Juarez, da sua marcha contra os imperiaes e, finalmente, a Europa pasmada teve a noticia de que Maximiliano fôra fuzilado em Quareta-ro. Lisboa ia inaugurar o monumento a D. Pedro, porque não viria para aqui a estatua? Ambos tinham barbas, eram imperadores e uma Carta Constitucional na mão servia aquella figura de bronze tanto para o Mexico como para Portugal. A ser verdadeira a historia não deixa de

ter a sua graça. Não é, porém, o caso d'esta estatua do ex-re D Manuel II, trabalho do distincto esculptor sr. Moreira Rato. Fôra-lhe encommendada para a sala das sessões da Camara dos Deputados e devia medir 2<sup>m</sup>,60 de altura e ser executada em marmore de Carrara cujo bloco estava em Lisboa desde setembro. Rebentou a revolução, proclamou-se o novo regimen e esculptor ficou diante da sua estatua inutil e do seu bloco de marmore por talhar.

Offereceu então ao governo fazer a estatua da Republica para collocar em logar da que lhe tinha encommendado a monarchia, mas não foi attendido.

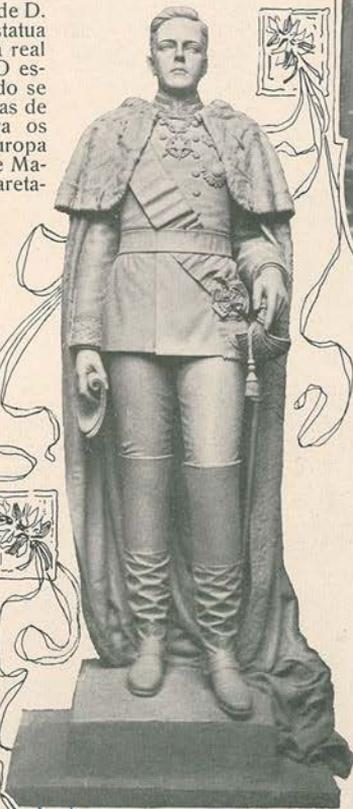
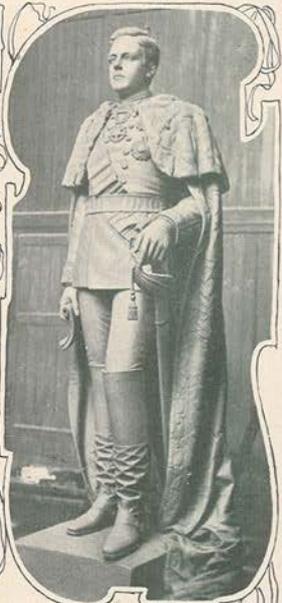
E eis como uma estatua foi demolida e como um bloco de marmore que veio para n'elle se talhar a figura d'um rei com o seu manto, escapou de servir á estatua da Republica com os seus cabellos esparcos, o seu barrete phrygiao, o seu olhar onde se acalmou a furia da revolta.

A *Illustração Portugueza* publicando a *maquette* regista apenas um facto, archiva mais um documento historico

A estatua do ex-rei D. Manuel II pelo esculptor Moreira Rato e que era destinada á Camara dos Deputados

ra para n'elle se talhar a figura d'um rei com o seu manto, escapou de servir á estatua da Republica com os seus cabellos esparcos, o seu barrete phrygiao, o seu olhar onde se acalmou a furia da revolta.

A *Illustração Portugueza* publicando a *maquette* regista apenas um facto, archiva mais um documento historico





# FIGURAS E FACTOS



Os soldados do regimento de infantaria 1 visitaram o Museu das Janelas Verdes. Depois da proclamação da Republica os officiaes iniciaram nos quartéis uma propaganda de instrucção pratica aos seus subordinados dentro da qual está exactamente esse genero de visitas a varios estabelecimentos, escolas e museus. Em infantaria 16 foi esse movimento iniciado pelo tenente sr. Celestino; em infantaria 1 o alferes sr. Carvalho tem-se dedicado á realisacão d'aquelle programma e assim o mostrou acompanhando os soldados n'essa visita ao Museu onde d'uma maneira simples e clara lhes explicou os quadros, as faianças e os objectos d'arte ornamental.



1—A visita dos soldados de infantaria 1 ao Museu das Janelas Verdes  
2—A manifestação dos professores das escolas officiaes de Lisboa ao ministro do Interior pela promulgacão da nova lei do ensino primario  
(Glehes de Benollet)

# O CONCURSO DA ESTAMPILHA DA REPUBLICA

Em Portugal raramente houve lindas estampilhas. As do tempo de D. Luiz, d'um tom escuro na sua maioria, mostravam a face bochechuda e burgueza do soberano n'uma má gravura. Só umas que appareceram em relevo, já quasi no fim do reinado, tinham um certo ar artistico. No governo de D. Carlos tambem não se cuidou muito a estampilha; as de D. Manuel não eram das

mais felizes.

De quando em quando apparecia, estampilhas de centenários, como o da India, de Santo Antonio e Henriquino e n'essas havia já um grande cunho, alguma cousa de bello e evocador, trechos d'epopea ou de lenda, figuras que se alteavam, pendões que se desfraldavam ou gestos mansos d'um santo descendo



1—Constantino Fernandes, cujo projecto de estampilha para o continente obteve o 1.º premio (Carvão de Carlos Reis)  
2—O projecto de estampilha premiado pelo jury

• REPUBLICA PORTUGUEZA •

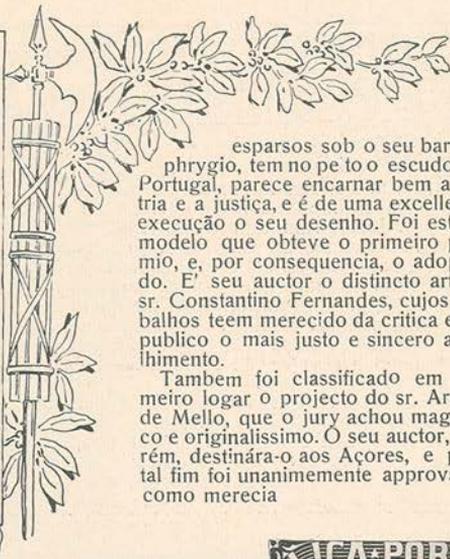
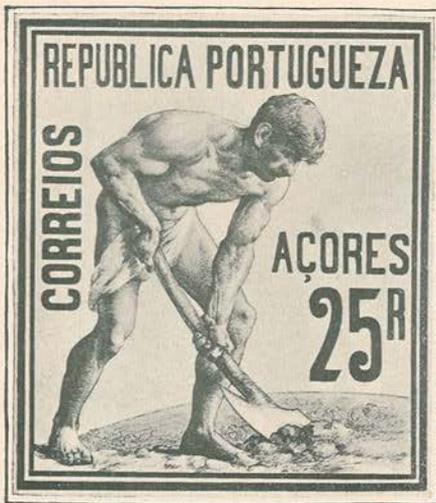
20

REIS



★ CORREIO ★

sobre as aguas Os artistas concorriam e sahia d'isso uma obra perfeita, agradável á vista, interessante, sem aquelle ar banal de chancellaria que tem a maioria dos sellos portuguezes á excepção dos que já citámos e d'outro, tambem em relevo, do tempo de D. Pedro V. Nos outros paizes as estampilhas são cuidadas. Nas monarchias quasi sempre representam o soberano, apenas a cabeça ou o busto, como nos hespanhoes, nos gregos, nos austriacos, mas isso bem executado com semelhanças flagrantes e com um acabamento artistico. N'algumas nações tem as estampilhas symbolos, notas que dão todo o passado d'aquella terra ou legendas que fallam d'outras edades. A va-



esparços sob o seu barrete phrygio, tem no pe to o escudo de Portugal, parece encarnar bem a patria e a justiça, e é de uma excellente execução o seu desenho. Foi este o modelo que obteve o primeiro premio, e, por consequencia, o adoptado. E' seu auctor o distincto artista sr. Constantino Fernandes, cujos trabalhos teem merecido da critica e do publico o mais justo e sincero acolhimento.

Tambem foi classificado em primeiro logar o projecto do sr. Arthur de Mello, que o jury achou magnifico e originalissimo. O seu auctor, porém, destinára-o aos Açores, e para tal fim foi unanimemente approved, como merecia



1—O projecto approved para os Açores e de que é auctor o sr. Arthur de Mello e que foi classificado em primeiro logar  
2, 3, 4, 5 e 6—A alguns projectos de estampilhas que receberam menções honrosas

riedade então é enorme. Uma estampilha de certo preço é inteiramente diferente não só na côr mas no fundo, no desenho, em tudo, das outras, o que dá desde logo, com o aspecto, a utilidade de não serem possiveis muitas confusões.

São lindas as estampilhas francezas na sua simplicidade, interessantes muitas das brazileiras; as argentinas são de uma grande variedade, podendo dizer-se que é exactamente nas republicas americanas que ha mais diversidade nas formulas de franquia a mudarem muitas vezes de presidente para presidente.

Agora, tambem em Portugal vae haver uma linda estampilha a primeira do governo da Republica.

E' uma bella figura de mulher, de rosto peffeito, cabellos





E' uma figura que vai removendo com a pá forte a terra que é necessario fecundar. Symbolo da patria é tambem symbolo do trabalho.

Os artistas que julgaram os modelos dos varios concorrentes acharam excellente este projecto sem duvida d'uma grande novidade.

A estampilha, como todas as cousas consagradas, é uma formula, tem um cunho e quasi

todos os artistas que concorreram a essa maneira tradicional se arrimaram como se pôde vêr entre os que conseguiram outros premios e na maioria das menções honrosas.

Sempre ou quasi sempre o busto da Republica com o seu barrete phrygio ou a sua corôa de louros, arrimada ao gladio da justiça tendo no rosto uma serena expressão de belleza. Não vibra a nota da originalidade, não sahe n'um rompante alguma cousa de novo a não ser n'esse projecto verdadeiramente interessante do sr.

Arthur Mello.

Ha ainda outros onde a Republica segura a rabiça do arado e vai lavrando a terra mas a sua execução é inferior comparada com a do trabalho do distincto artista, a que o jury fez a mais integra e cabal justiça.

O premio concedido d'esta fôrma tem o grande merecimento, de para um novo concurso de estampilhas destinadas ás colonias, os artistas se atreverem a apresentar trabalhos cheios d'uma original maneira ante o qual muitas vezes recuavam receando os juries.

Obtiveram classificações em segundo logar os projectos dos srs. Simões d'Almeida Sobrinho e Costa Motta, filho, sendo tambem apresentados trabalhos dos srs Catharino Cardoso e Sousa Machado nos quaes se viam os vultos mais eminentes da historia portugueza e alguns dos mais bellos monumentos nacionaes devendo as estampilhas destinadas ás colonias



- 1, 2, 4 e 6— Alguns projectos de estampilhas apresentados ao concurso  
 3— Projecto do sr. Costa Motta, filho, que obteve o segundo premio  
 5— Projecto do sr. Simões d'Almeida, sobrinho, que obteve o segundo premio (Cliches de Benolle)



e ilhas reproduzir trechos pittorescos locais.

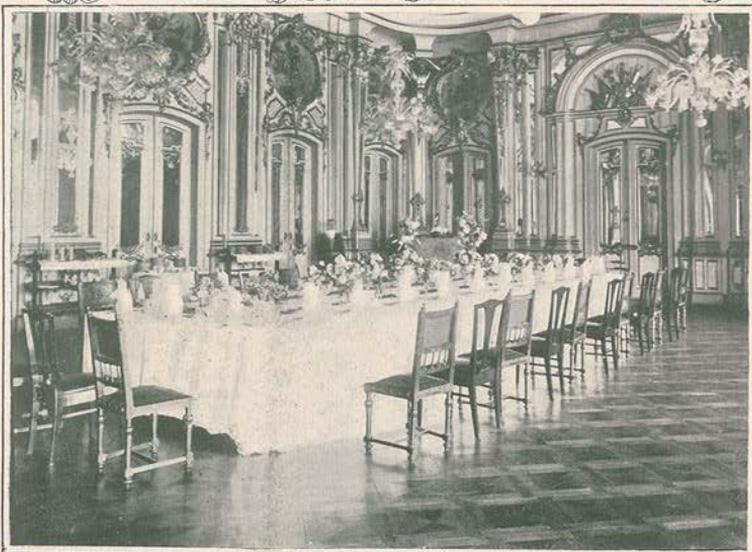
# COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

POR MADAME SELDA POTOCKA

A condensação dos principios alimentares, que pormenorisadamente desenvolvemos até aqui, pôde fazer-se nas seguintes regras principaes:

I—A reduçção da alimentação ao estrictamente ne-

de aliviar o trabalho digestivo, desloçando, sempre que possa ser, para o meio do dia a refeição mais substancial; V—A eliminação total do pão branco e de todos os excitantes alimentares cujo poder nutritivo é puramente ficticio.



cessario para manter inalteravel ao organismo a sua vitalidade; II—A simplificação maxima na preparação dos alimentos, de modo a impedir a destruição dos seus principios nutritivos; III—A preponderancia dos cereaes e dos vegetaes no regimen alimentar, sem excluir o uso moderado da carne; IV—A distribuição das refeições no sentido

de cremos ter provado que o homem gasta hoje, na generalidade, para se alimentar defeituosamente, tres vezes mais do que deveria dispendir para se nutrir convenientemente. A prolongação da vida está para o homem contemporaneo em razão directa com a reduçção da sua exorbitante ração alimentar. Para se viver mais é preciso comer menos.

Resta-nos fazer a indispensável referencia ao importante papel representado pelos líquidos na alimentação.

O beber e o comer deviam constituir duas funções alimentares independentes.

Quando bebemos um copo d'agua, leite ou vinho á re-

feição comprometemos de m'aneira prejudicial' essa primeira phase do trabalho digestivo representado pela mastigação. O liquido ingerido n'esse momento inoportuno não só arrasta consigo os alimentos solidos insufficientemente masti-

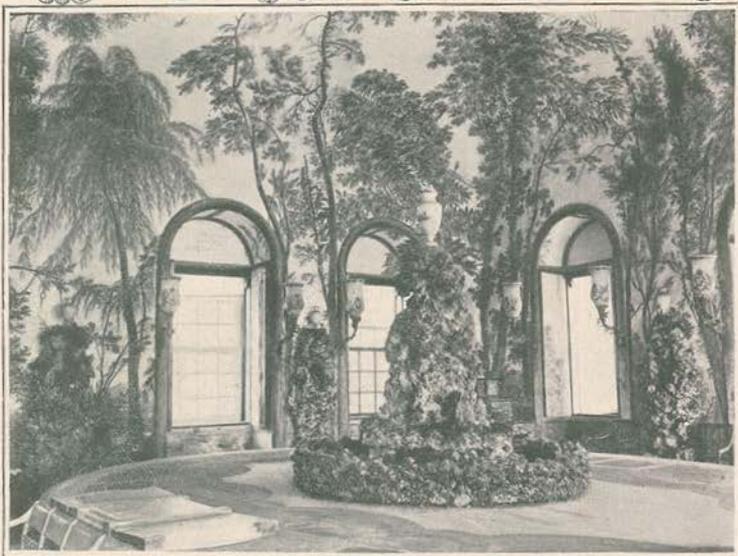


A casa de jantar do sr. Alfredo Guimarães

gados como dilue e altera a salvação e os succos gastricos. Está provado que a ingestão de liquidos, no momento de comer, influe de modo eminentemente nocivo na secreção dos succos gastricos. Estes, como se sabe, abundam em propriedades chemicas essenciaes nas funções dos órgãos digestivos. Deve haver o maior cuidado em não embaraçar ou reduzir a sua participação nos trabalhos da digestão.

Quando um habito inveterado difficulte a adopção d'este regimen, tome-se a ração de liquido no final da refeição e em pequenos goles.

quer temperada com sumo de limão. Ha, porém, cidades onde a agua é pessima, saturada de saes e de cal. O uso constante de aguas alcalinas predispõe á arterioesclorose. Os depositos das materias não eliminadas pelo organismo aggregam-se ás articulações e gradualmente as lesam no seu funcionamento. Toda a agua que, não provindo de uma fonte pura ou de uma nascente funda, deixa de offerecer uma plena garantia de sanidade deve ser destillada ou filtrada. Para ser boa a agua será transparente e fresca. Nunca gelada. Muitas doenças dos rins proveem do uso cada vez mais excessivo



Um dos beneficios que proveem de se evitar a mistura dos liquidos aos alimentos é a de manter em toda a sua actividade as glandulas productoras da saliva. E a velha sentença que diz que na bocca se principia a digestão é de uma verdade que já ninguem se lembra de discutir.

De todas as bebidas, a unica que corresponde hygienicamente á necessidade de physiologica da sede é a agua. Só agua se deveria beber, quer simples,

da agua gelada.

Mas não só do regimen alimentar está dependente a saude. O organismo não se alimenta apenas de comida. O ar puro, o sol, o exercicio são-lhe necessarios, como auxiliares insubstituiveis da nutrição. O bem estar physi. o depende ainda, em grande parte, do bem estar moral. E' preciso tratar as contrariedades e os desgostos com o mesmo zelo preventivo com que se tratam as doenças. Para muitos dos males mo-



Um aspecto da casa de jantar de Madame Selda Potocka

raes ha remedios mais efficazes do que para os males phisicos. Hygiene moral, hygiene alimentar e hygiene corporal — estas são as leis da saude.

Uma vida sedentaria, de onde seja banida toda a hygiene phisica, conduz do mesmo modo que as alimentações defeituosas a velhice precoce. O exercicio, o acao e o ar são precisos á vida.

Um banho tepido ao deitar deixa uma sensação de frescura e bem estar que poderosamente beneficia o somno. O acao é necessario á pelle como o exercicio é necessario á circulação.

Deitar cedo, accordar com o dia; uma alimentação frugal; ar puro; exercicios que não vão até ao excesso da fadiga e entre os quaes o caminhar é o melhor esta é a vida sa.



O oxygenio entra tanto na composição do organismo e na conservação da vida que devemos consideral o como um verdadeiro alimento. O ar impuro é tão nocivo como uma alimentação corrompida.

A influencia do a. eio na saude é tão sensivel como a influencia de uma boa alimentação. O banho diario não é um luxo superfluo. Calcula-se em mais de um litro de substancias novicas as que o organismo elimina pelos póros da pelle em cada 24 horas. Isto basta para que se comprehenda a utilidade de os conservar limpos.

O homem que raciona deveria dirigir a sua vontade e a sua intelligencia no sentido de prolongar a vida de preferencia a provocar a sua decadencia, pensando na felicidade e não na miseria, na paz e não no odio. As energias desperdiçadas em estereis cuidados, em desanimos inuteis, em lastimas ineficazes só servem para destruir o natural influxo das forças vitaes e apressar a morte, transformando em amargura o beneficio inestimavel da vida.

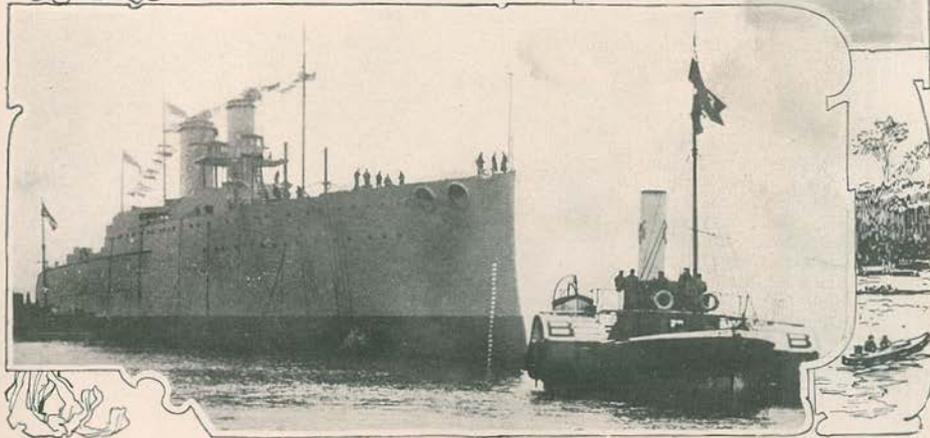
*Selda Potocka.*

Fala-se muito na representação parlamentar feminina. As mulheres desde tempos imemoriaes que desejam governar e já Aristophanes tratava d'estas ambições do sexo bello na sua comedia *As Harengueiras*.

Ultimamente as suffragistas inglezas fizeram tumultos; em França, o movimento vae seguindo com o applauso d'alguns politicos e academicos e em Hespanha mal se esboça essa anciedade. As mulheres portuguezas já teem affirmado, embora platonicamente, esse desejo e ainda ha pouco a medica sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Angela pedia para ser eleitora, o que equivaleria a ser elegivel como já succedeu na Noruega com a professora Anna Rogstad que representa no parlamento a terceira circumscripção da Christiania.



1—A professora Anna Rogstad, eleita para representar no parlamento norueguez a 3.<sup>a</sup> circumscripção de Christiania 2—Um aspecto da regata: Oxford-Cambridge, de Putney a Northk, sobre o Tamisa, em que pela 37.<sup>a</sup> vez ficou victoriosa a Universidade de Oxford



3—O lançamento á agua do «Monarch» o maior couraçado até hoje construido para a marinha ingleza

# Uma Escriitora Ilustre

Quando as mulheres portuguezas procuram affirmar os seus direitos falando em nome da intellectualidade feminina, é justo recordar o alto espirito de Maria Amalia Vaz de Carvalho, cuja obra tão diversa affirma o seu talento.

Foi n'uma casa solarenga de Piteus, em cuja fachada resaehe uma pedra de armas, que a illustre escriptora de hoje começou a sentir a sua tendencia a impressional-a para as letras, no contacto dos homens celebres da sua meninice que frequentavam esse solar encavalado nos pincaros da aldeola.

E' um talento maleavel o d'essa mulher de letras, bem profissional no fundo, que tem vivido a maior parte do tempo da sua penna illustre sem descer á mistura das luctas, conservando o seu recolhimento aristocratico n'uma roda intellectual de admiradores.

Chronista impecavel a sua prosa tem fulgores, resahem nos seus trabalhos as analyses bem vistas, surgem as criticas leves que já veem bem affirmadas dos fo-



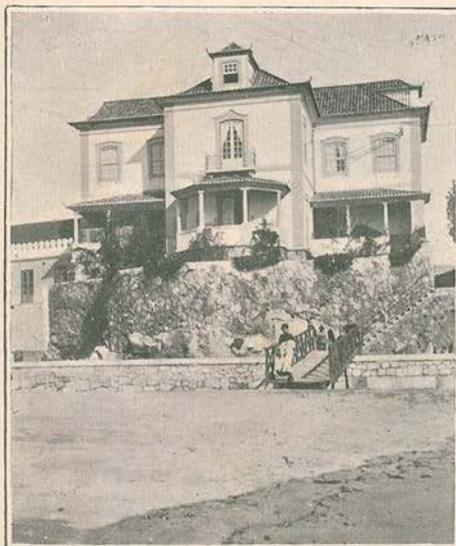
A sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho na saleta da sua residencia

lhetins assignados com o seu pseudonymo celebre de Valentina de Lucena

A's paginas simplistas dos *Contos para nossos filhos* soube dar todo o cunho de ternura em collaboração com o grande poeta Gonçalves Crespo, que apaixonando-se tanto pelo seu espirito como pela sua graça de mulher se tornou seu marido. D'esse lar de intellectuaes as obras sahiam com um grande fundo de bondade, coisas leves onde não passavam os males do mundo e assim, Maria Amalia Vaz de Carvalho, tem continuado os seus trabalhos dentro d'essa fórma simples que é a nota mais bella do seu talento, como se vê nos *Serões em campo*,



Na varanda da casa da escriptora em Cascaes : Maria Amalia com o seu netinho



nação viva para evocar o passado dentro do quadro das épocas em que as personagens viveram.

O duque de Palmella, habil político, diplomata, homem galante, foi uma das grandes figuras constitucionaes; a sua acção sente-se n'um largo periodo, n'um espaço de tempo, no Brazil, em Londres, em Portugal sendo ao mesmo tempo o conspirador e o ministro, o braço direito do imperador. E' um vulto complicado bem difficil de apresentar em toda a luz, não se hesitando mesmo deante das coisas intimas que mais verdade e relevo dariam á personalidade. A illustre escriptora conseguiu, com a sua obra, contribuir para a historia definitiva d'essa figura notavel, mostrou-a de uma maneira habil na sua prosa tensa e elegante.

A casa da escriptora  
em Cascaes

*Mulheres e creanças*, coisas todas dirigidas ás almas das mulheres e aos espiritos infantis.

Um dia a illustre escriptora, rebuscando nos archivos da Casa Palmella, publicou o seu livro sobre o primeiro duque d'este titulo. A escriptora, cuja prosa até então servira para essas coisas de simplicidade enveredou pelo campo da historia, tarefa sempre ingrata, difficilima que requer aptidões especiaes, a imagi-



A arte de ser avó: Uma lição ao neto

Depois, voltou ás suas chronicas para os jornaes brasileiros, ás coisas que mais deliciam o seu espirito do que essa tarefa ardua e entre os sorrisos da familia, as caricias respeitadas dos admiradores, continuou a trabalhar as suas paginas calmas e a dedicar-se á educação do seu neto n'uma aprendizagem deliciosa para ella: a da arte de ser avó!



Pasteando no jardim da residencia

# O Jardim - Escola João de Deus

Inaugurou-se em Coimbra o Jardim-Escola João de Deus que era ha muito o pensamento de alguns devotados propagandistas da instrucção moderna e que, com João de Deus Ramos á sua frente, levaram a cabo o plano d'essa escola onde a infancia vae encontrar a alegria de aprender.

Aos velhos processos pouco intuitivos oppõe-se o methodo claro; ao antigo professor rígi-

a sua aula onde se interessará pelo que lhe ensinarem. Foi isto, com outros pensamentos baseados n'um largo futuro para a instrucção, o que presidiu á construcção da escola aberta ao fim d'algun tempo de luctas, de canceiras, de opposições e trabalhos. Raul Lino delineou o edificio onde os professores modernos vão espalhar a moderna instrucção.

A escola foi inaugurada no dia 2 d'abril e no discurso inaugural João de Deus Ramos agradeceu á academia de Coimbra e á camara municipal da cidade o concurso que lhe prestaram para se realizar aquella obra. O Jardim Escola João de Deus é bem a aula de hoje, sem peias, sem rígo-



O Jardim Escola João de Deus no dia da inauguração

do o mestre moderno, o amigo devotado; ao mobiliario pesado e severo das aulas alguma cousa de leve e de hygienico.

Antigamente representava um sacrificio para a criança a sua entrada na escola; ter que deixar o lar, a familia, sahir do aconchego para uma pesada atmospherá de severidades, agora, desde que se iniciam escolas como a inaugurada em Coimbra, o pequenino estudante se não vae aprender, brincando, vae ao menos frequentar alegremente

res, feita para enlevar os cerebros das crianças, lançando-as dentro d'uma moral superior emanada d'esses espiritos novos que d'alma e coração se votaram a tão util e tão bello empreendimento. Em volta do filho do grande lyrico, que ded'cou a sua vida á instrucção, estão alguns dos mais distinctos representantes da moderna geração e sem duvida dos seus esforços combinados sahirão outras aulas no mesmo genero d'esta, a que muitos já chamam: a primeira escola portugueza.

# HOMENAGEM Á MEMORIA DO ALMIRANTE CANDIDO REIS

O nome do almirante Candido Reis entrou no espirito do povo portuguez como o de um heroe a quem se deve a organisação do movimento de que veiu e proclamação da Republica. O velho marinheiro, trabalhando devotamente



do seu fim n'essa madrugada de 4 de outubro.

Varias commissões democraticas, officiaes revolucionarios, membros da Camara Municipal e o ministro da marinha enalteceram, com os seus discursos evocadores, a memoria do chefe revolucionario.

Assistiram tambem delegações de batalhões voluntarios e a cerimonia foi revestida d'uma grande imponencia.

(Clichés de Benoliel)

1—A lapide commemorativa da morte do almirante Candido Reis, inaugurada no dia 9 na Azinhaga das Freiras, onde se suicidou o organisador da revolução

na conspiração como um romantico, alliciando officiaes com o prestigio da sua patente, presidindo a reuniões, era com o seu auxilio moral, com a sua auctoridade de official superior, a figura sobre que cahiram as atenções, o chefe indiscutivel d'essa revolta. N'um bello alarde consentiu que o seu nome figurasse n'uma lista para a eleição de deputados republicanos e essa temeridade creou no povo a admiração enormissima que a sua morte havia de transformar n'alguma coisa de maior.

Quando rebentava a revolução o almirante desaparecia, acabava ali n'aquelle recanto humilde da Azinhaga das Freiras, onde agora se collocou uma lapide commemorativa



2—A chegada do sr. ministro da Marinha  
3—A leitura do auto de entrega da lapide á Camara Municipal

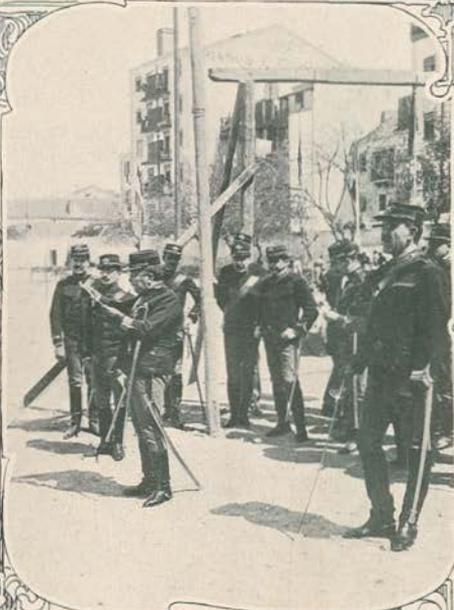


1—A passagem do automovel do ministro da Marinha por diante dos batalhões voluntarios  
2—O ministro da Marinha pronunciando o seu discurso  
(Clichés de Benolle)

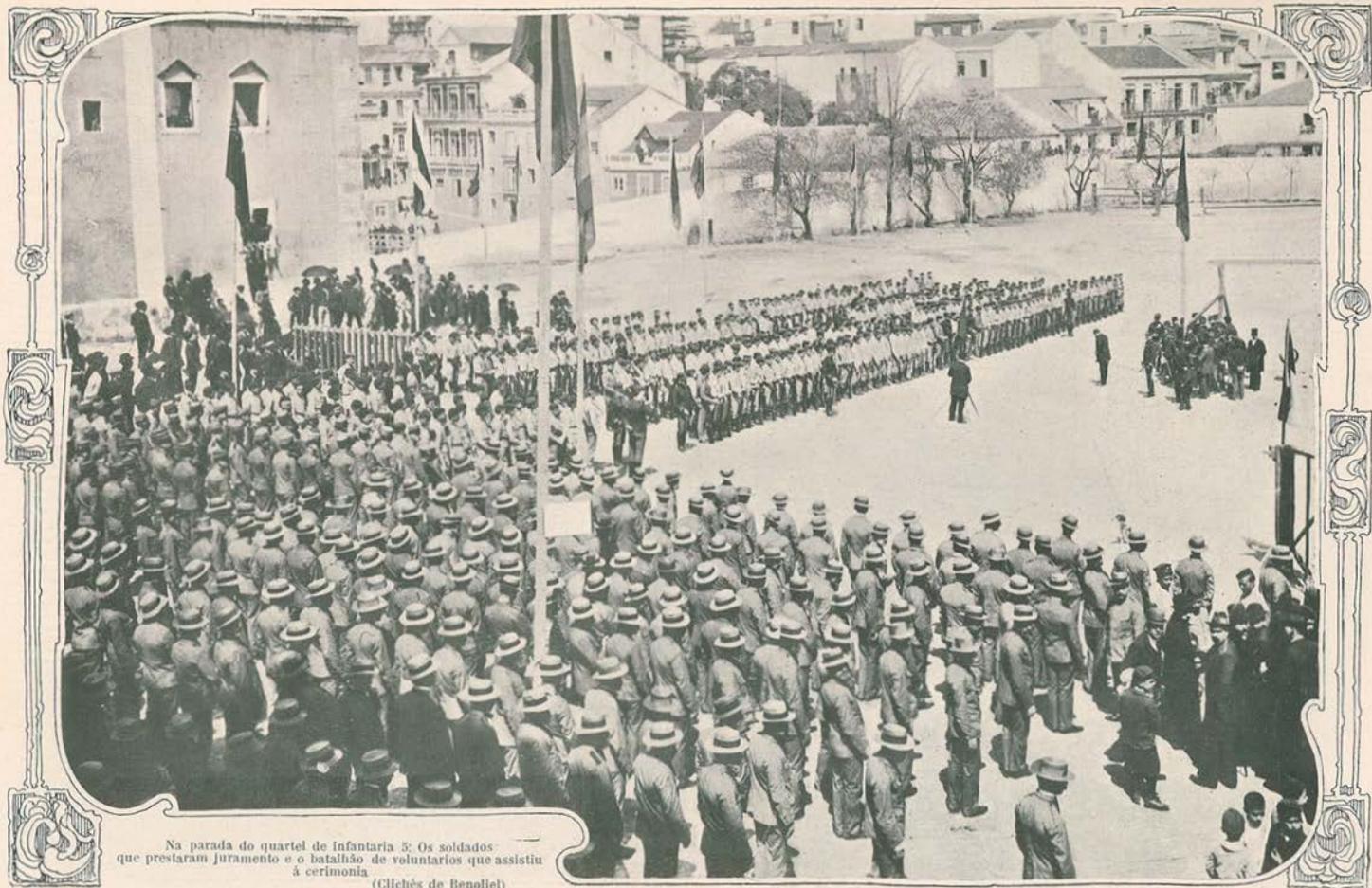
# O JURAMENTO DE BANDEIRA EM INFANTARIA 5

O primeiro juramento de bandeira da Republica realisou-se em 9 d'abril no regimento d'infantaria 5, falando o capellão nos deveres do soldado bem como o commandante do regimento coronel sr. Luiz Gomes.

A parada do quartel encheu-se de assistentes comparecendo tambem os batalhões voluntarios que ali recebem instrução e acabando a festa por alguns exercicios gymnasticos feitos pelos recrutas.



1—O capellão de infantaria 5, rev. Casimiro Victoria Chamigo falando aos recrutas  
2—O commandante de infantaria 5, coronel Luiz Guedes, lendo a sua allocução ao regimento  
3—A cerimonia do juramento



Na parada do quartel de infantaria 5: Os soldados que prestaram juramento e o batalhão de voluntários que assistiu à cerimônia

(Clichés de Benollet)

# O REGRESSO DO GOVERNADOR DE CABO VERDE

O sr. Marinha de Campos, que o governo da Republica nomeára para governador de Cabo Verde, foi mandado regressar á metropole após alguns conflictos com o juiz dr. Emmerico d'Alpoim, o inspector de fazenda Fontoura de Carvalho e com o gerente do Banco Ultramarino sr. Marinho Alves, afim de se explicar deante do ministro da marinha e sendo demittido do seu lugar. O ex-governador d'aquella colonia chegou a Lisboa a bordo do *Loanda* e após algumas conferencias com os ministros da justiça e colonias e d'apresentar a sua dezeza o conselho do governo deliberou consideral-o preso dando-lhe, todavia, a cidade por homenagem.



1—O sr. Marinha de Campos acompanhado pelo capitão tenente sr. Vieira da Fonseca que o foi buscar a bordo por ordem do sr. ministro da marinha  
2—O ex-governador de Cabo Verde sahindo do caes da Fundição  
(Clichés de Benoliel)

# A PRIMEIRA TOURADA DO ANNO.



posto pelo inclemente inverno, os progressos ou a decadencia dos seus artistas queridos. Anuncia-se a corrida; exgotam-se os bilhetes, a praça enche-se. Ha anciedade em ver aquelle spectaculo. De repente o tem-

A primavera anuncia, com as suas primeiras rosas, as primeiras corridas de touros. Vem o sol vivo, faiscante, os aficionados começam a preparar-se para irem ver, ao cabo de uns mezes de intervallo,



po entrovisca, fica baço e a tourada decorre sem animação. Nos outros annos o sol não falha á funcção; este anno não appareceu e os ferros dos cavalleiros e dos bandarilheiros e as sortes de *Bombita* não tiveram para os espectadores o brilho costumado porque lhe faltava a luz do sol sem a qual não ha touradas possiveis.



1—As corizas 2—O primeiro ferro da tarde por José Casimiro  
3—Um par de bandarilhas por Bombita  
(Clichés de Benoitte)

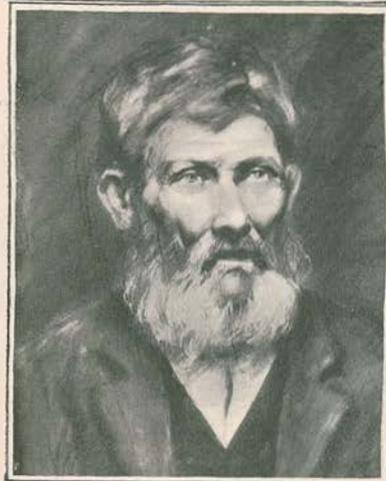
·A·EXPOSIÇÃO·DOS·QUADROS·DAS·ALUMNAS·  
·DE·D·EMILIA· ·SANTOS·BRAGA·



1—Sr.ª D. Sarah Bramão 2—Sr.ª D. Emília Santos Braga  
3—Sr.ª D. Aida dos Santos Silva  
(Glicés Arnaldo Fonseca)



Da exposição dos trabalhos das alumnas da  
illustre professora sr.ª D. Emília Santos Braga  
que se vae realizar no Salão da *Ilustração  
Portuguesa*, fazem parte, com os trabalhos da  
sr.ª D. Philomena Freitas, publicados no nu-  
mero anterior, quadros interessantissimos de



1—Trabalho da sr.ª D. Aida dos Santos e Silva  
2—«Costume Italiano» trabalho da sr.ª D. Etelvina Lobo  
dos Santos e Silva 3—«Cabeça de estudo»  
da sr.ª D. Etelvina Lobo dos Santos e Silva

outras distinctíssimas amadoras, que produziram, realmente, algumas telas dignas de atenção.

Sente-se em todas ellas a nota da delicadeza, o tom de suavidade que prende o olhar, e assim, n'essas diversas produções, ha sempre qualquer coisa d'este genero.

A sr.<sup>a</sup> D. Alda dos Santos e Silva expõe uma encantadora cabeça de creança, tratada com verdadeira arte, n'um carvão acabado e firme. Os estudos de flores e fructos d'esta distincta amadora, merecem particular observação.

Expõe-se n'este certamen uma cabeça de velha, trabalho da sr.<sup>a</sup> D. Sarah Bramão. Ha uma profunda verdade n'aquelle quadro, desde os tons do cabello branco de linho fiado, ás rugas do rosto, ao encolhido natural da bocca, falha de dentes, em todo esse busto, com que se teve um cuidado excepcional. Da mesma auctora, apparecem na exposição uns estudos de caça e uma cabeça de creança, que, com mais alguns trabalhos das suas condiscipulas, publicamos ainda.

Ha a necessidade de impulsionar este culto da arte, fazer com que as aulas e os *ateliers* dos nossos artistas sejam concorridos, do que só pôde advir vantagens, e, por isso, tudo quanto se fizer n'este genero, representa um serviço ao desenvolvimento artistico. Por isso, a *Illustração Portuguesa* se encontra sempre prompta a impulsionar todas as bellas tentativas, já abrindo exposições no seu salão, já franqueando as suas paginas aos cul-



1—Trabalho da sr.<sup>a</sup> D. Alda dos Santos Silva 2—Pensativa da sr.<sup>a</sup> D. Rita dos Santos Silva 3—«Cabeça de velha» quadro da sr.<sup>a</sup> D. Sarah Bramão (Glicês de Benolli)

tores das artes, cujos trabalhos sejam dignos de nota.

Apparecem tambem na nossa exposição, uns trabalhos da sr.<sup>a</sup> D. Etelvina Lobo dos Santos e Silva, e, entre esses, um costume italiano, em que ha alguma coisa de pessoal. E' uma rapariga do Transtevero, com a sua bilha d'azas encostada ao quadril, o colletinho justo a modelar-lhe o busto encantador, vestida nos trajos pittorescos da sua patria. O desenho tem realce, valor, é bem

executado. Esta expositora, é uma das alumnas da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Santos Braga, que mais produz, e, assim, ver-se-hão na exposição mais trabalhos seus, como a *Cigana*, *Ao Serão*. A *tia Anna*, além de estudos a pastel e carvões lindamente executados.

Tambem a sr.<sup>a</sup> D. Ritta Lobo dos Santos e Silva apresenta quatro telas, entre as quaes se destaca o *Costume do Minho* e a *Pensativa*. Esta, é um assumpto que, realmente, uma mulher executaria com mais sentimento do que um homem. A *Pensativa*, encostado o rosto á mão, os olhos descidos, de uma grande suavidade, é, na verdade, um trabalho que tem um grande cunho de delicada arte.

São estes os quadros das alumnas de D. Emilia Santos Braga, que vão figurar na exposição da *Illustração Portuguesa*, onde, sem duvida, concorrerão todos os apreciadores de bellas artes, a vêrem os trabalhos das distinctas amadoras, feitos sob a direcção da illustre artista, que alcançou um logar bem de destaque no meio artistico nacional.



# A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE SILVA PORTO

Abril é o mez das exposições. Com o começo da primavera abrem-se os certamens. Em maio expõem-se as rosas, em abril expõem-se quadros.

A Sociedade Silva Porto que realisa agora a sua undecima exposição continúa a cumprir admiravelmente o seu programma. E' sempre o nome do mestre sendo um bello incitamento aos novos artistas, evocando as soberbas paizagens cheias de enternecimento, esses longes de maravilha, que elle soube encontrar nos campos do seu querido Mi-



nho e da Extremadura.

Ha quatro annos foi no salão da *Illustração Portugueza* que se installou esse certamen; depois, seguidamente, sempre na Academia de Bellas Artes como agora. Accentua essa exposição os progressos dos pintores que vemos surgir todos com as suas diversas maneiras copiando o mesmo trecho da natureza para acabarem a guiarse pelas suas referencias, n'alguns até bem originaes.

Alves Cardoso, Trigo e Saude, continuam sempre a enviar os seus tra-

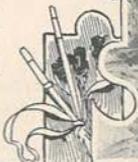
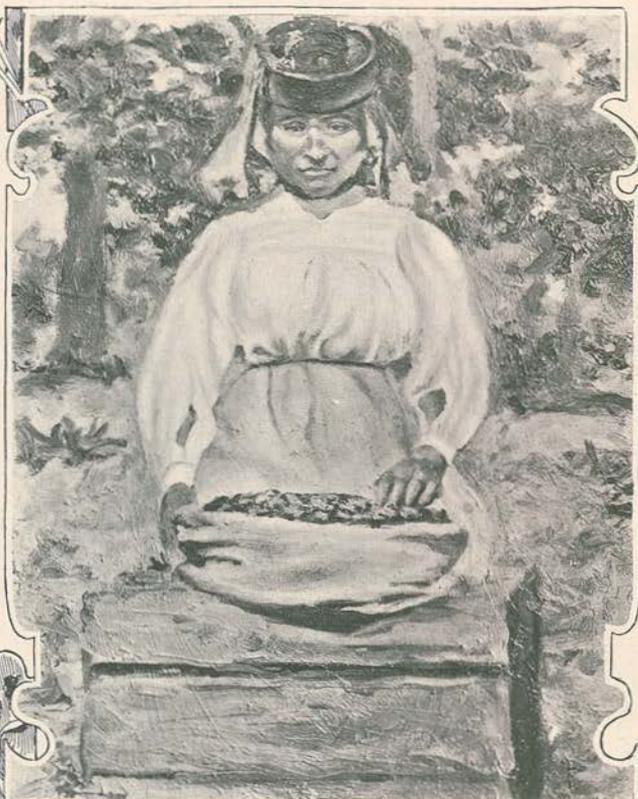


1—«Este é do Bom!» pelo sr. J. Campas 2—«Elra da Beira» pelo sr. Armando de Lucena



balhos, um a dar o colorido vivo, outro com as suas arvores floridas, o terceiro com o seu realismo, como n'um pequenino quadro agora em exposição e que representa um pobre casebre de telhados vermelhos

Os novos artistas tambem accentuam a sua fórma e assim vê-se o sr. Frederico Ayres dando ás ruínas do castello de Leiria o tom melancolico que ellas teem e ao seu quadro *Sol Fóra* uma verdade impressionante. O sr. Armando de Lucena é o artista do sentimento; adora os poentes e pinta-os sempre d'uma maneira interessante. Umas vezes são nuvens negras, céos de trovoada, outras de tons lilazes por entre os quaes o sol vem luzir como uma moeda de ouro nova caída n'um fundo de velludo. Esses poentes tentaram o artista e deu-os nos seus



1 — «Tremoceira» pelo sr. Abel Santos  
2 — «Ruínas do Castello» pelo sr. Frederico Ayres

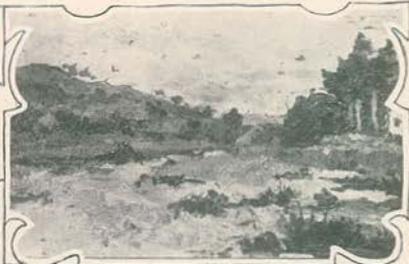
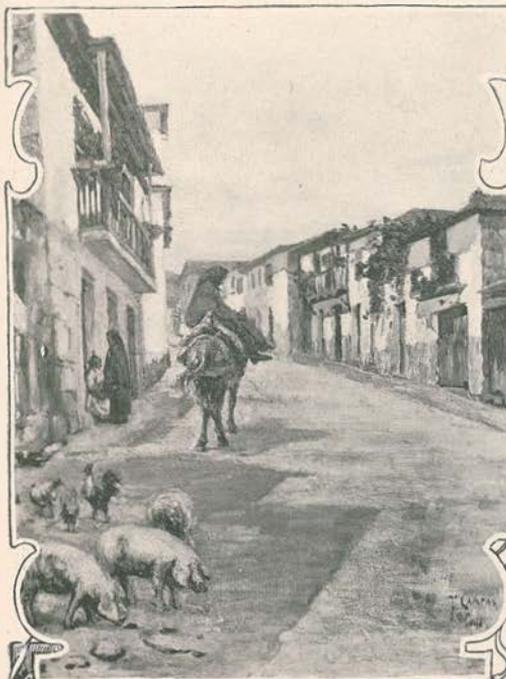


quadros que representam paisagens da Beira na sua maioria, eiras, casebres, margens de rios.

Expõe tambem pela segunda vez o sr. João Baptista Junior, que mostra progressos. Sente-se que Carlos Reis, o seu mestre, a quem é muito devotado, se tem preocupado com o artista, e o pintor que o anno passado nos dera entre outras cousas o *Porto das Bonitinhas*, agora apresenta com ruínas do castello de Leiria, tratada com cuidado, quadros curiosos como a *Manhã nos Olhalvos* e o *Levantar da Neve*.

O sr. Horacio Silva apresenta uma série de quadros com reaes progressos, e o sr. Abel Santos, com os seus trechos dos arredos





1—«Uma rua de Villa Real» por José Campas 2—«Tavora» por Luc-na

res de Leiria marca um avanço, embora tivéssemos achado bem interessante na exposição anterior o seu quadro *Trecho das Lapas*.

Não pôde passar despercebido n'essa exposição um pequeno quadro do sr. Trigoço que dá a visão nitida d'um lindo panorama olhado do topo d'uma serra. São as corcovas dos montes, as grimpas dos campanarios, os telhados, aldeias longinquas, ramos distantes, toda uma immensidade de terreolas no sopé d'um monte e que



3—«Praça de Leiria» por Horacio Silva



1—«Uma rua nos Polsos»  
pelo sr. Abel Santos  
2—«Levantar do Neves» quadro  
do sr. João Baptista Junior

o artista encantadoramente  
soube pintar.

Ha ainda quadros do sr.  
Cunha e Andrade, trechos do  
paizagens dos arrabaldes de Leiria que o  
sr. Adriano Costa tambem reproduziu de  
uma maneira agradavel, trabalhos do sr.  
Calderon, como o trecho do rio  
Liz, são dignos de attenção.

Deve citar-se tambem o *Sobreiro*,  
quadro do sr. Alves Cardoso, que  
tem ar, grandeza e côr.

D'esta vez foram cento e qua-  
renta e cinco quadros que os artis-

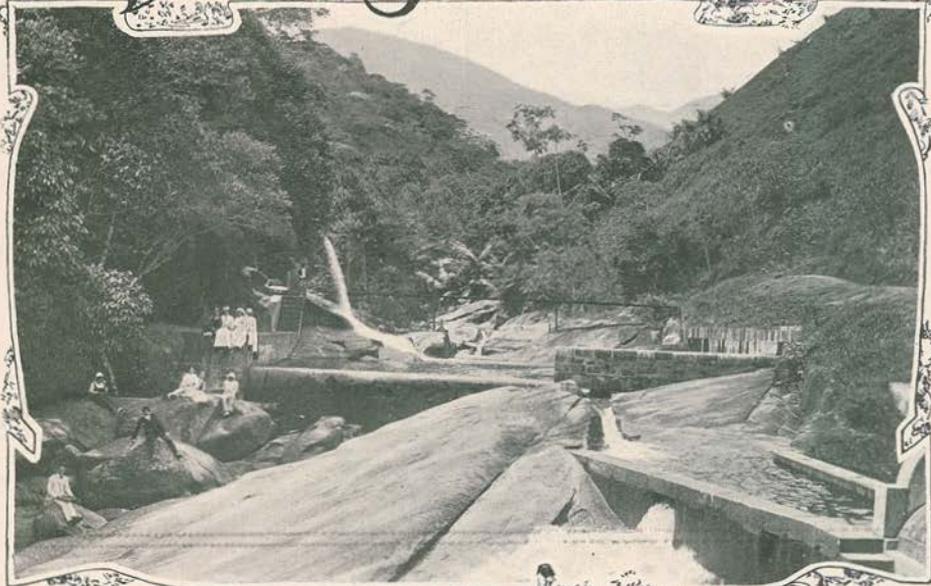


3—«Caminho para o Montes-  
pelo sr. Calderon  
(Clichés de Benoitel)



tas da Sociedade Silva Por-  
to expuzeram affirmando-se  
d'este modo a vontade  
com que cultivam a pintura  
da paizagem sob a direcção pro-  
ficientissima do illustre artista que  
é Carlos Reis. Nota-se, sobretudo,  
que ha um verdadeiro en-  
thusiasmo da parte de todos  
aquelles rapazes que em  
frente do assumpto, per-  
correndo as terras do paiz  
vão de anno para anno evi-  
denciando os seus progres-  
sos, fixando na tela os lin-  
dos cantos da terra portugueza.

# Vida Brasileira

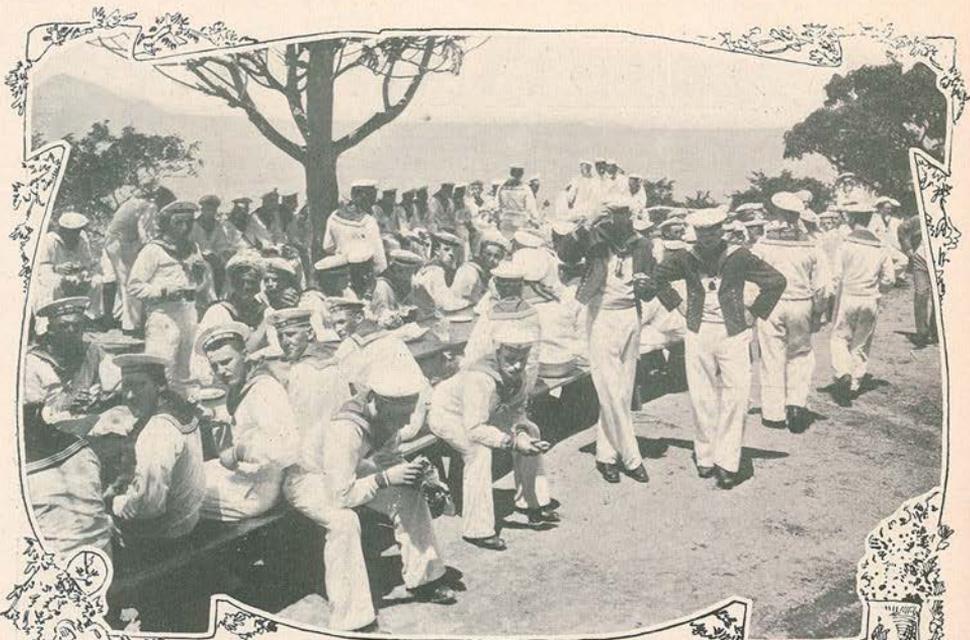


Os arredores do Rio de Janeiro teem pontos de vista encantadores e ainda ha semanas n'um d'elles, as margens do Douro, os socios do Club dos Fenianos realisaram um *pic-nic* a que assistiram,



- 1—O Rio Douro, nos arredores do Rio de Janeiro, onde o Club dos Fenianos realisou um grande *pic-nic*.
- 2—Os socios do Club dos Fenianos que concorreram ao *pic-nic*.





1—Os marinheiros da esquadra alemã que visitou o Rio de Janeiro, durante o pic-nic da Gavea  
 2—Uma maravilhosa paisagem, no sopé da montanha da Gavea, onde se realizou o pic-nic  
 oferecido à oficialidade e marinheiros da esquadra alemã, no Rio de Janeiro

com formosíssimas senhoras, parte da guarnição d'um dos navios da esquadra alemã então fundeada no Amazonas.

São alguns aspectos d'essa festa que publicamos mostrando a ex-  
 tranha belleza d'aquelle logar encantador, todo verdura e pitto-  
 resco.

